

Raio X da Imprensa¹

Dany STARLING²

Maurício Guilherme Silva JUNIOR³

Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH), Belo Horizonte, MG

RESUMO

Apresenta-se a reportagem *Raio X da Imprensa*, publicada na edição 188 de julho de 2012, do *Impressão*, jornal-laboratório do curso de Jornalismo do Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH). Em meio à discussão sobre o papel da mídia levantada no auge da polêmica envolvendo a revista *Veja*, o contraventor Carlinhos Cachoeira e o senador Demóstenes Torres, a matéria versou sobre a dicotomia existente na imprensa brasileira, dividida em polos distintos desde a posse do ex-presidente Lula. Tratou também da perda de credibilidade dos meios de comunicação e a possível convocação da *Veja*, por meio de seus diretores, para depor na CPI.

PALAVRAS-CHAVE: imprensa; golpistas; governistas; *Veja*; CPI;

1 INTRODUÇÃO

Quais os limites da imprensa? Aliás, melhor perguntar: a imprensa deve ter limites? Ou é uma entidade livre, acima de questionamentos, de regras ou de ordenamentos, cuja missão é, tão somente, informar a sociedade sobre tudo e sobre todos, sempre em busca do bem comum? Perguntas como essas sempre foram feitas a respeito do trabalho dos jornalistas. Cercado de fascínio e mistério, o fazer jornalístico sempre esteve envolto em uma aura de algo intocável. Aura esta, contudo, alimentada e difundida pelos próprios jornalistas.

O dossiê *Raio-X da Imprensa* é o conjunto de duas reportagens e um artigo opinativo sobre um tema em comum: a dicotomia presente na imprensa brasileira a partir da posse do presidente Lula em 2003. As matérias foram publicadas na edição 188, de julho de 2012, do jornal *Impressão*, veículo-laboratório produzido pelos alunos do curso de Jornalismo do Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH).

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na categoria Jornalismo, modalidade Reportagem em Jornalismo impresso (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 8º semestre do curso de Jornalismo. E-mail: dany.starling@uol.com.br

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo. E-mail: mgsj@uol.com.br

Dividida entre dois grupos distintos, um claramente antigoverno (formado, essencialmente, por jornais, sites, revistas e emissoras de TV pertencentes aos grandes conglomerados nacionais de mídia) e outro declaradamente pró-governo (formado por sites e blogs autodenominados progressistas e revistas como *Caros Amigos* e *Carta Capital*), a imprensa se encontrava, quando da publicação do dossiê, em meio à polêmica da “CPI do Cachoeira”, quando a revista *Veja* foi acusada de manter relações criminosas com o contraventor Carlinhos Cachoeira, alvo de investigação da CPI que culminou na cassação do senador Demóstenes Torres, antes retratado pela publicação como “mosqueteiro da ética”.

Em meio a uma série de acusações de parte a parte – golpistas x governistas, progressistas x conservadores, petralhas x tucanilhas, etc –, a equipe de reportagem do *Impressão* foi a campo ouvir jornalistas e professores de comunicação para questionar o comportamento da imprensa, descobrir, até que ponto, se tal divisão punha em xeque sua credibilidade e indagar sobre quais as soluções necessárias para dirimir o conflito. A polêmica envolvendo a *Veja* foi abordada em uma retranca especial, na qual as fontes se posicionaram a respeito da necessidade da revista, por meio de seus diretores, ser convocada para a CPI. Por fim, o artigo *O caso Murdoch* versou sobre o escândalo do jornal inglês *News of the World*, fechado em julho de 2011 após uma série de denúncias envolvendo grampos telefônicos ilegais para a obtenção de reportagens, e como o caso poderia afetar o trabalho dos jornalistas no mundo todo.

2 OBJETIVO

Questionar os limites existentes na produção jornalística, destacar a perda de credibilidade do jornalismo tradicional devido a desmandos e descaminhos, analisar a divisão existente na mídia brasileira, sobretudo política, quanto ao seu posicionamento perante o governo federal, avaliar os atos cometidos pela revista *Veja* e sua relação com o contraventor Carlinhos Cachoeira e apresentar possíveis soluções para sanar a crise de identidade que envolve o jornalismo brasileiro.

3 JUSTIFICATIVA

O comportamento da imprensa sempre foi alvo de estudo. E também de comentários por parte da população em geral, que convive diariamente com o jornalismo, mas não sabe como ele é feito. Muitas vezes, o jornalista é visto como um ser superior, um ser sobre o qual não pairam dúvidas a respeito da idoneidade e do caráter.

Qual é, contudo, o papel do jornalista? De acordo com Abramo (2006),

O papel do jornalista é o de qualquer cidadão patriota, isto é, defender o seu povo, defender certas posições, contar as coisas como elas ocorrem com o mínimo de preconceito pessoal ou ideológico, sem ter o preconceito de não ter preconceitos. O jornalista deve ser aquele que conta a terceiros, de maneira inteligível, o que acabou de ver e ouvir (ABRAMO, 2006, p. 110).

Uma vez comparado ao cidadão, portanto, qual o limite de ação do jornalista? Segundo o próprio Abramo (2006), é o mesmo limite do cidadão comum. O autor entende como uma bobagem separar o jornalista do restante da população. “Não existe uma ética específica do jornalista: sua ética é a mesma do cidadão” (ABRAMO, 2006, p. 109).

Se para a sociedade em geral o trabalho da mídia é destacado, o que dizer, então, dos estudantes de jornalismo? A atuação dos futuros colegas é discutida constantemente na faculdade, seja nas salas de aula ou mesmo nos corredores. Nada mais natural, portanto, que uma reportagem que analise o comportamento da imprensa ganhe destaque em um jornal-laboratório. Para Zanotti (2008), inclusive, tal prática deveria ser adotada frequentemente por esse tipo de veículo. Ao adotá-la no jornal-laboratório *Saiba+*, da PUC-Campinas, ele garante que

A estratégia tem permitido levar o acadêmico a um desejável contato com seu futuro mercado de trabalho; com a história dos meios locais e de seus principais protagonistas; além de poder abordar problemas que existem no completo que os meios de comunicação desenvolvem no mundo contemporâneo (ZANOTTI, 2008, p. 4).

A escolha por apresentar o tema por meio de um grande dossiê, ou seja, uma compilação de reportagens, veio pela importância do gênero na prática jornalística. Sodré e Ferrari (1986) consideram a reportagem como um modo privilegiado de fazer jornalismo. Erbolato (2006) a classifica como pertencente ao gênero interpretativo, embora também possa ser inserida no que o autor denomina como jornalismo diversional, e veio para acrescentar informações e profundidade às notícias em pílulas que imperam nos jornais, sejam eles impressos ou eletrônicos. A respeito do gênero interpretativo, Lima (2009) afirma que ele busca

Não deixar a audiência desprovida dos meios para compreender o seu tempo, as causas e origens dos fenômenos que presencia, suas consequências no futuro. Vai fundamentar sua leitura da realidade na elucidação dos aspectos que em princípio não estão muito claros. (LIMA, 2009, p. 20).

Lima (2009) completa seu raciocínio apresentando seu conceito de reportagem. Segundo o autor, ela

Pressupõe o exame do estilo com que o jornalista articula sua mensagem. Significa também um certo grau de extensão e/ou aprofundamento do relato, quando comparado à notícia, e ganha a classificação de grande-reportagem quando o aprofundamento é extensivo e intensivo, na busca do entendimento mais amplo possível da questão em exame. Em particular, ganha esse *status* quando incorpora à narrativa elementos que possibilitam a compreensão verticalizada do tema no tempo e no espaço, ao estilo do melhor jornalismo interpretativo (LIMA, 2009, p. 24).

É o que explica Eduardo Belo (2006):

A função da reportagem reside em encadear informações por meio de um processo narrativo e documental que desenvolva a percepção e a compreensão por parte do receptor da mensagem. Quanto mais atrativa, completa e límpida for a mensagem, mais satisfatório será o resultado. (...) É contextualizar os fatos, analisar as circunstâncias, revelar os acontecimentos, levantar dados novos. Reter-se apenas à dimensão factual presente é a maneira mais fácil de empobrecer o trabalho e transformar o que poderia ser uma grande reportagem em um amontoado de frases coordenadas e sem vida (BELO, 2006, p. 50).

Ainda de acordo com os ensinamentos de Sodré e Ferrari (1986), é possível elencar quatro características fundamentais da reportagem: “predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 15). Tais características podem aparecer em maior ou menor grau, mas a narrativa é essencial para que o texto jornalístico seja considerado uma reportagem.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A escolha pelo tema da reportagem nasceu em uma das reuniões de pauta do jornal Imprensa. Realizadas semanalmente, são compostas pelos professores-orientadores Maurício Guilherme Silva Jr e Leo Cunha, dos monitores de edição e dos estagiários do jornal. Na reunião em que foram traçados os rumos do dossiê, os monitores presentes eram os alunos Dany Monteiro de Barros Starling, Gustavo Pedersoli de Melo e Marina Fráguas e os estagiários os alunos Camila Freitas, Guilherme Pacelli e Jéssica Amaral.

A escolha das fontes foi criteriosa. O objetivo era conversar com jornalistas de destacada importância nacional e que se posicionassem em ambos os campos do conflito. Para tanto, seria indispensável ouvir pelo menos um jornalista ligado à revista *Veja* e alguém que falasse pela

Carta Capital, que publicara, durante a crise, uma capa chamando o presidente da Editora Abril, Roberto Civita, de “nosso Murdoch”.

Com a realização da 3º Bienal do Livro de Belo Horizonte, foi possível entrevistar, presencialmente, os jornalistas Miriam Leitão, Lucas Figueiredo e Roberto Pompeu de Toledo, este o mais importante para a reportagem, por ser colunista da *Veja* e ter sido editor da revista. O ex-ministro da Comunicação Social do governo Lula, Franklin Martins, foi ouvido durante congresso promovido pelo Sindicato dos Jornalistas de Minas Gerais, realizado em Ipatinga (MG). Na ocasião, também foi entrevistado o presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), Celso Schröder. Um dos repórteres do *Impressão* foi recebido pelo editor da *Carta Capital*, Mino Carta, na sede da revista, em São Paulo. O articulista e ex-editorialista da Folha de S. Paulo, Marcos Augusto Gonçalves, foi ouvido durante o IV Congresso Cult de Jornalismo Cultural. Os professores Nilson Lage e Gaudêncio Torquato foram entrevistados por telefone e e-mail. Por fim, a reportagem ouviu também os professores do UniBH João Joaquim de Oliveira e Luiz Henrique Magalhães.

Entre viagens e conversas, a apuração demandou quase dois meses de trabalho. A equipe do *Impressão* procurou a *Veja* diretamente, por telefone e e-mail, mas a revista preferiu não se posicionar. Ao escolher professores de jornalismo (locais e de âmbito nacional) como fontes, o objetivo foi estender a discussão também para a seara acadêmica, até por se tratar de reportagem que seria publicada em um jornal-laboratório.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Uma vez ouvidas as fontes e compilado todo o material que seria utilizado para a redação da reportagem, decidiu-se publicá-la em duas partes distintas: na primeira, de abertura, foi feito um preâmbulo sobre a discussão em tela, analisando as questões envolvendo a dicotomia da imprensa e os fatores que incidiram na perda da credibilidade das publicações no Brasil. Para ilustrar as duas páginas de abertura, foram escolhidas fotos de três das principais fontes ouvidas: os jornalistas Mino Carta, Roberto Pompeu de Toledo e Franklin Martins. O título escolhido para a matéria – “Quem guarda os guardiões” – é uma clara alusão à frase em latim do poeta romano Juvenal, *quis custodiet ipsos custodes*, a respeito de confiabilidade.

Em seguida, em retranca especial, também em duas páginas, o caso *Veja/Cachoeira* foi tratado de maneira específica. Diante de um processo tão rico de apuração, foi feita a escolha de se publicar, em pequenos boxes, trechos das falas dos entrevistados que versassem sobre o tema, de modo a ilustrar melhor a questão. Por se tratar de um jornal-laboratório, a escolha de inserir o título da retranca – “Entre fontes, cascatas e cachoeiras” – no meio da página destacou o perfil inovador e experimental que se imagina desse tipo de publicação.

Por fim, a última página do dossiê foi dedicada ao artigo escrito pela aluna Marcela Armond a respeito do imbróglio Murdoch/*News of the World*. O texto veio emoldurando uma fotomontagem na qual aparecia o empresário Robert Murdoch em primeiro plano, com diversas capas do *News of the World* ao fundo e espelhado nas lentes dos óculos de seu criador.

6 CONSIDERAÇÕES

A grande e verdadeira essência do jornalismo está calcada na reportagem. É ela, com seu caráter criterioso, investigativo e elucidativo, que revelará, para a sociedade, suas mazelas, seus problemas e aqueles que os causam. Como explica Marques de Melo (2003), “a reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que já são percebidas pela instituição jornalística” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 66).

Inserida no contexto da produção realizada por um jornal-laboratório, a reportagem é o grande filão a ser alcançado pelos alunos-repórteres. Nela, será possível aos estudantes percorrer os principais caminhos do jornalismo: a ideia de pauta, a apuração e a redação final de um texto interpretativo, que revele ao leitor um acontecimento e dê as devidas possibilidades de, após sua leitura, formar um pleno entendimento acerca do assunto retratado.

A reportagem/dossiê Raio X da Imprensa se ocupou em tratar de um tema do cotidiano e que dizia respeito, claramente, ao público-alvo do jornal *Impressão*: estudantes de jornalismo e comunicação. O comportamento da imprensa perante fontes e sociedade foi questionado e analisado a partir da ótica de quem produz jornalismo no Brasil. A matéria manteve o caráter de experimentação, signo a ser perseguido pelo tipo de veículo no qual foi publicada, sem deixar de lado o interesse público pelo assunto e sua importância para os leitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Claudio. **A regra do jogo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BELO, Eduardo. **Livro-Reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006. (Coleção Comunicação)

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. São Paulo: Editora Ática, 2006 (Coleção Série Fundamentos).

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4 ed. São Paulo: Manole, 2009.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus Editorial, 1986. (Coleção Novas Buscas em Comunicação).

ZANOTTI, Carlos Alberto. **A mídia como foco de reportagem em jornal-laboratório**. São Paulo: 4º Encontro Paulista de Professores de Jornalismo, 2008. Disponível em <<http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/viewabstract.php?id=368&cf=15>> Acesso em 14 mai. 2013.